

O Evangelho de Bartolomeu: uma luta espiritual como superação e temperança a partir de Evágrio Pôntico

*The Gospel of Bartholomew:
a spiritual struggle as overcoming and temperance from
Evagrius Ponticus*

Roberto Marcelo da Silva

Resumo

A pesquisa atual tem como objetivo apresentar considerações sobre o Evangelho apócrifo de Bartolomeu assim como fazer uma aproximação das temáticas apresentadas com o método espiritual de Evágrio Pôntico. Esta aproximação tem como perspectiva acentuar a luta espiritual na busca da presença de Deus. O texto apócrifo é o diálogo entre Bartolomeu e Belial/Satanás que configura a necessidade de uma prática espiritual para enfrentar poderes demoníacos. As reações de Bartolomeu perante o inimigo dos homens denotam esse processo de superação e ascese pela busca do sagrado. Num esquema de perguntas e respostas, pela iniciativa de Bartolomeu, Belial/Satanás, o inimigo dos homens, aparece revelando os mistérios de sua queda perante Deus. Verifica-se uma analogia entre o diálogo de Bartolomeu e Belial/Satanás em que pelas reações do apóstolo, ao enfrentar o inimigo dos homens, poderemos aproximar do método apresentado por Evágrio Pôntico. Evágrio apresenta um método espiritual em que pela ascese é possível atingir a contemplação. Se os demônios (*logismoi*) agem nas ideias e nas paixões/emoções, segundo Evágrio, vemos pelas reações de Bartolomeu o quanto este processo de superação e temperança se tornou uma característica do apóstolo para atingir a *apatheia*.

Palavras-chave: Evangelho de Bartolomeu. Espiritualidade. Evágrio Pôntico.

Abstract

The current research aims to present considerations on the apocryphal Gospel of Bartholomew as well as to make an approximation of the themes presented with the spiritual method of Evágrius Ponticus. This approach has the perspective of accentuating the spiritual struggle in the search for the presence of God. The apocryphal text is the dialogue between Bartholomew and Belial/Satan that configures the need for a spiritual practice to face demonic powers. Bartholomew reactions to the enemy of men denote this process of overcoming and asceticism in search of the sacred. In a scheme of questions and answers, through the initiative of Bartholomew, Belial/Satan, the enemy of men, appears revealing the mysteries of his fall before God. There is an analogy between the dialogue between Bartholomew and Belial/Satan in which, through the apostle reactions, when facing the enemy of men, we will be able to approach the method presented by Evágrius Ponticus. Evágrius presents a spiritual method in which it is possible to reach contemplation through asceticism. If demons (*logismoi*) act on ideas and on passions/emotions, according to Evágrius, we can see from Bartholomew reactions how much this process of overcoming and tempering became a characteristic of the apostle to attain *apatheia*.

Keywords: Gospel of Bartholomew. Spirituality. Ponticus Evagrius.

Introdução

Este artigo tem como finalidade apresentar perspectivas referente ao Evangelho apócrifo de Bartolomeu. As temáticas apresentadas no Evangelho apócrifo enriquecem a busca por um método espiritual que pode ser encontrado em Evágrio Pôntico. O método espiritual de Evágrio Pôntico vem contribuir para a busca da presença de Deus a partir de uma luta espiritual. Com um diálogo entre Bartolomeu e Satanás, vemos a necessidade da superação e da ascese perante os poderes demoníacos.

No primeiro momento, o artigo apresentará as formas redacionais apresentadas no texto apócrifo tentando explorar as origens e as recensões

encontradas sobre o Evangelho de Bartolomeu. Muitas são as dificuldades com a datação do texto apócrifo, mas o conteúdo temático apresentado nos daria uma ideia de que século o texto teria sido redigido.

No segundo momento, o artigo apresentará a temática central que está na perspectiva soteriológica quando descreve a descida de Cristo à mansão dos mortos com o resgate dos patriarcas. Num esquema de perguntas e respostas, pela iniciativa de Bartolomeu, Belial/Satanás, o inimigo dos homens, aparece revelando os mistérios de sua queda perante Deus. Não obstante, Maria, a Mãe do Senhor, também se faz presente no texto apócrifo como grande colaboradora na história da salvação quando gerou o Salvador.

Por fim, no terceiro momento, podemos verificar como se pode aproximar o diálogo de Bartolomeu e Belial/Satanás e as reações do apóstolo, ao enfrentar o inimigo dos homens. O método espiritual de Evágrio Pôntico viria contribuir para a busca da contemplação e da ascese. As reações de Bartolomeu denotam a luta pelos demônios que agem nas paixões e nas emoções como processo de superação e temperança. O Evangelho de Bartolomeu, tão pouco explorado, se revelou como um grande texto de riqueza soteriológica em que as temáticas apresentadas contribuem tanto para a Teologia quanto para a espiritualidade cristã.

1. As etapas da redescoberta do texto e a questão do título original – Questões ou Evangelho de Bartolomeu?

Podemos observar que um documento é atribuído a Bartolomeu e se encontra em duas versões: uma em grego (conservado em Jerusalém) e uma em eslavo (o texto em eslavo tem duas versões, uma encontrada em São Petersburgo e outra em Viena, chamado de Codex 125). O título Questões de Bartolomeu não se faz presente no texto em grego, embora o conteúdo do documento faça referência a Bartolomeu. Já o texto eslavo tem como título Questões ou Interrogações de Bartolomeu. Encontramos duas versões latinas, sendo que, em uma, o texto se inicia a partir do versículo 21 do capítulo I, não constatando a presença do título no documento; na outra versão encontramos um texto completo, inclusive com o título Questões de Bartolomeu.¹

¹ KAESTLI, J.-D., OÙ en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy? p. 7.

O que torna possível dar autenticidade ao título do documento de Evangelho de Bartolomeu? Na verdade, apenas dois testemunhos fazem referência ao título. Jerônimo dá testemunho em seu Prefácio ao Evangelho de Mateus. Nele, Jerônimo faz menção a um evangelho *iuxta Bartholomeum*, em uma enumeração dos evangelhos apócrifos egípcios de Tomé, de Matias, dos Doze Apóstolos e outros. Em segundo lugar, um evangelho *nomine Bartholomaie* aparece na Lista dos Apócrifos do Decreto Gelasiano.² Muito foi questionado acerca da autenticidade sobre o patrocínio de textos referentes a Bartolomeu, mas a descoberta dos fragmentos latinos reforça o testemunho dos textos atribuídos ao apóstolo.³

De qualquer, forma o título “Questões” atribuído ao documento não pode ser descartado. Afinal, isso pode ser confirmado por um argumento interno: do início ao fim – e apesar da diversidade de tópicos apresentados no documento – a narrativa usa o mesmo processo literário, ou seja, questões apresentadas por Bartolomeu e as respostas de Cristo, Maria e Satanás. A frequência de questionamentos (esquema de pergunta/resposta) é constitutiva do gênero literário de nosso apócrifo. Isso chama a atenção para uma característica literária dominante do texto. Além disso, mostra que a definição de gênero literatura não se reduz à questão de saber se o apócrifo de Bartolomeu é um Evangelho ou um Apocalipse.⁴

O documento intitulado Questões de Bartolomeu parece se aproximar de temáticas também apresentadas no Novo Testamento, principalmente nos Evangelhos, Atos, Epístolas e Apocalipses. O título Evangelho, empregado no documento, parece se aproximar dos Evangelhos da Paixão, a exemplo de Atos de Pilatos. Mas, esta comparação só é válida para uma parte da história (do capítulo 1 até a Descida de Cristo aos infernos). Do capítulo 2 até o capítulo 4,

² GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 119.

³ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 8; “Jerônimo e o Decreto Gelasianum têm conhecimento de um Evangelho de Bartolomeu, também o pseudo-Dionísio Areopagita se refere a um conhecimento secreto revelado a Bartolomeu. Mesmo assim, nenhum escrito da Igreja antiga nos foi conservado sob o título de Evangelho segundo Bartolomeu, embora existam dois outros textos que circulavam sob o nome de Bartolomeu. Trata-se dos Fragmentos de Bartolomeu e do livro copta intitulado ‘Livro da ressurreição de Jesus Cristo, de Bartolomeu, apóstolo’” (KLAUCK, H.-J., *Evangelhos apócrifos*, p. 124); WILMART, A.; TISSERANT, E., *Fragments grecs et latins de l'Évangile de Barthélemy*, p. 164; Conferir também: MORICCA, U., *Un nuovo testo dell'“Evangelo di Bartolomeo”*, p. 482.

⁴ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 9-10.

por exemplo, concentrando-se no papel de Maria, vemos um esquema de visão e explicação da visão que se caracteriza principalmente por temáticas apocalípticas, o que faz crer que o documento tem temáticas distintas.⁵

1.1. A relação entre as Questões e o Livro da Ressurreição mantido em copta

Um documento em copta, intitulado Livro da Ressurreição de Jesus Cristo, foi encontrado entre os séculos V e VI.⁶ Deste texto em copta, foi possível identificar três recensões, apoiado em fontes gregas, livremente misturadas e ampliadas. Destas recensões, sendo dois manuscritos parciais e um manuscrito completo, somente um é identificável: o Evangelho de Bartolomeu em grego. O autor da narrativa em copta utilizou do personagem principal, Bartolomeu,⁷ promovendo uma semelhança muito próxima dos manuscritos de Jerusalém e Viena.

Esta forma de caracterizar as relações entre Questões e o Livro da Ressurreição deve ser questionado. Pois é possível identificar duas redações ou recensões com base a um mesmo escrito sobre textos tão diferentes e distintos. Se o documento copta fosse uma narrativa de interpretação livre do apócrifo grego, como explicar que os fatos que ele relata não tenham relação senão com o cap. I das Questões (descida de Cristo aos infernos, diálogo entre poderes

⁵ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 9-10.

⁶ “Quanto a época de composição o Livro da Ressurreição de Jesus Cristo tomou forma atual, em sua parte essencial, entre os séculos V e VI. Para as Perguntas de Bartolomeu a datação é bem mais difícil; as proposições vão desde o século II até o século VI. A versão da descida de Jesus aos infernos, nas Perguntas de Bartolomeu deveria ser mais antiga do que a do EvNik, remontando, portanto, ao século II. Empréstimos tomados do Protev 8,1 presentes nas Perguntas de Bartolomeu 2,15 e de InfThom 2, em Perguntas de Bartolomeu 2,11, por outro lado, permitem pensar no século III como época de composição, enquanto a Mariologia do escrito reflete uma fase do desenvolvimento doutrinário anterior ao Concílio de Éfeso, ocorrido em 431 d. C., sendo praticamente impossível uma datação mais antiga do que as afirmações paralelas de Epifânio de Salamina (século IV)” (KLAUCK, H.-J., *Evangelhos apócrifos*, p. 124-125).

⁷ MORICCA, U., *Un nuovo testo dell' "Evangelo di Bartolomeo"*, p. 485; “Causa admiração que Bartolomeu apareça como discípulo preferido portador da revelação, uma vez que a partir dos sinóticos dele nada mais sabemos, a não ser seu nome. Ele recebe seu papel de destaque somente por ter sido identificado como Natanael, do Evangelho de João. Jesus o havia designado como verdadeiro israelita (Jo 1,47); Jesus também lhe acenou com a perspectiva de que veria coisas ainda maiores (Jo 1,50); a essas coisas maiores pertence a promessa: ‘Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem’ (Jo 1,51). As tradições apócrifas de Bartolomeu descrevem como essa promessa se cumpriu” (KLAUCK, H.-J., *Evangelhos apócrifos*, p. 125).

infernais, libertação e retorno de Adão ao paraíso)? Como explicar que Ele não abordou nenhum dos temas do cap. II a IV (revelação de Maria sobre a concepção milagrosa, visão do abismo, aparecimento de Satanás acorrentado que dialoga com Bartolomeu)? Como explicar a ausência total em copta do esquema de perguntas/respostas, que normalmente estrutura formalmente o conjunto da fonte grega?⁸

É possível admitir que a literatura apresentada nas várias recensões do Livro da Ressurreição em copta se apoia em antecedentes em grego. Desta forma, as Questões de Bartolomeu, do modo como chegaram até nós, não têm antecedentes imediatos das recensões em copta.⁹

Devemos evitar em fazer comparações entre as duas tradições e pesquisar uma explicação aos motivos comuns que se aproximam? É possível apresentar uma hipótese de que ambas as tradições remontam de uma mesma tradição particularmente relativa a Bartolomeu, datado dos séculos III-IV. Talvez existisse nessa época um “Evangelho de Bartolomeu”, de dimensão mais reduzida, que serviu de ponto de partida para toda esta literatura. A hipótese é interessante, mas permanecerá inverificável até que façamos uma análise crítica e literária aprofundada dos dois escritos, a fim de isolar o conteúdo de cada um deles e as diversas camadas redacionais que os compõem.¹⁰

1.2. A questão da origem e do processo de composição das Questões de Bartolomeu

Em que época e em que circunstancia podemos situar a origem das Questões de Bartolomeu? Tal pergunta é difícil de ser respondida e a resposta obtida é tênue e frágil. Autores afirmam que há muita divergência de datas, sugerindo a redação do texto entre o século II ao V-VI, passando pelos séculos III e VI. Estas divergências se explicam em parte pelo fato de que certos autores

⁸ WILMART, A.; TISSERANT, E., *Fragments grecs et latins de l'Évangile de Barthélemy*, p. 165.

⁹ WILMART, A.; TISSERANT, E., *Fragments grecs et latins de l'Évangile de Barthélemy*, p. 167.

¹⁰ “Esses dois textos não apresentam dependência literária entre si, mas de início ambos se reportam a uma tradição comum mais antiga. Não é possível estabelecer com certeza se estes textos têm algo a ver com o Evangelho de Bartolomeu citado por Jerônimo e pelo Decreto Gelasianum. A partir de sua forma eles também poderiam ser incluídos entre os ‘evangelhos dialogados’, isto é, entre os diálogos de Jesus com seus discípulos após a ressurreição. Mas por causa de seus quadros de elementos visionários também foram incluídos entre os apocalipses” (KLAUCK, H.-J., *Evangelhos apócrifos*, p. 124).

procuraram datar o texto em sua forma atual, enquanto que outros se interessaram em datar os materiais tradicionais que foram coletados.¹¹

Com relação ao estudo da descida aos infernos, do capítulo I, as Questões testemunham uma evolução significativa sobre esta temática. O que antes fora apresentado como um simples objeto de evocação litúrgica, agora a narrativa é dramatizada. Autores situam esta narrativa da descida aos infernos a partir do século II. Em favor desta datação, temos dois argumentos: - o ponto de contato com esta parte do texto com o que se atribui “a mística da cruz” dos Atos de João e com as especulações sobre Adão; - sua proximidade com a palavra apócrifo (de Bartolomeu) citado como “Escritura” por Clemente de Alexandria: “O Hades disse a Perdição: nós não vimos seu aspecto, mas ouvimos sua voz”.¹² Palavra que se aproxima da narrativa daquela que se descreve na Questões de Bartolomeu. A narrativa da descida no Hades é um estrato do período verificável que foram utilizadas na redação atual.¹³

Não obstante, ao fazer análise dos temas apresentados no apócrifo de Bartolomeu é possível perceber uma série de aproximações com outros escritos apócrifos. Estes paralelos com outros escritos caracteriza o texto apócrifo de Bartolomeu como um produto autêntico cercado de tendências gnósticas dos quais deriva uma enorme massa de literatura estrangeira. Sem contar que a narrativa do Descensus não se encontra na recensão grega considerada a mais primitiva.¹⁴

Tais considerações mostram que a questão da data não recebe nenhuma resposta verdadeiramente fundamentada. O apócrifo de Bartolomeu parece flutuar no tempo e no espaço. É possível sair desta incerteza? Só um estudo das características literárias e teológicas de nosso apócrifo permitirá saber.¹⁵

2. O conteúdo narrativo do texto apócrifo de Bartolomeu

A literatura apócrifa constitui sem dúvida um campo de referência muito importante para a interpretação das Questões de Bartolomeu. Podemos afirmar que o texto das Questões comunica um conteúdo narrativo em que Cristo

¹¹ WILMART, A.; TISSERANT, E., *Fragments grecs et latins de l'Évangile de Barthélemy*, p. 164.

¹² CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromates IV*, 45,1

¹³ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 21-22.

¹⁴ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 23.

¹⁵ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 22.

comunica uma revelação ao apóstolo, contemplando uma reflexão sobre a morte e a ressurreição de Cristo.¹⁶

O texto narrado é animado por uma mesma preocupação: trata-se de compreender os dados infamantes da paixão e da morte sobre a cruz de uma maneira que não contradiga a originalidade da missão divina de Jesus. Alguns pontos se destacam: a revelação é direcionada a um discípulo privilegiado, sobre a forma de uma visão que lhe permitirá compreender o sentido do evento; a partir do momento em que as trevas invadem a terra, o Cristo manifesta seu poder divino para além da cruz (no Hades); os discípulos constataam a presença do Senhor. A visão de Bartolomeu acentua o momento da cruz evento fundamental para a ação salvífica. É a cruz que possui uma função soteriológica. Após a morte, Cristo desce no Hades para libertar Adão. O processo do resgate aos patriarcas é a expressão da manifestação gloriosa de Cristo.¹⁷

Não obstante, o estudo de relações, mais ou menos diretas, que um texto apócrifo mantém com as tradições bíblicas tem uma importância capital, no caso de Questões de Bartolomeu, isso se confirma. É interessante mencionar o lugar que ocupam os anjos na visão de Bartolomeu descrito em três passagens do capítulo I:

⁶ Bartolomeu, então, falou: Quando ias no caminho da cruz, eu te seguia de longe. E te vi a ti, dependurado no lenho, e os anjos que, descendo dos céus, te adoraram. Ao sobreviverem as trevas...; ²⁰ Dize-me Senhor, disse-lhe Bartolomeu, quem era aquele homem de talhe gigantesco a quem os anjos levavam em suas mãos?; ²² De novo disse Bartolomeu: vi também anjos que subiam diante de Adão e que entoavam hinos.¹⁸

A aproximação destas passagens é sugestiva: mostra que a visão de Bartolomeu não é senão uma realização da palavra de Cristo apresentada em Jo 1,51: “Em verdade em verdade eu vos digo: verás o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”. Por que a narrativa tomou como ponto de partida esta passagem de João? Simplesmente porque ela é

¹⁶ “A reprodução do conteúdo das Perguntas de Bartolomeu é ainda dificultada pelo fato dos manuscritos existentes apresentarem entre si divergências de não pouca monta, e de ser preciso, estritamente falando, em cada episódio indicar o manuscrito que no momento se esteja seguindo” (KLAUCK, H.-J., *Evangelhos apócrifos*, p. 125).

¹⁷ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 26.

¹⁸ EVANGELHO DE BARTOLOMEU 1,5.20.22.

direcionada a Natanael e que este discípulo da primeira hora no evangelho de João, ausente na lista dos Doze do Novo Testamento, foi identificado frequentemente como Bartolomeu. O autor de nossa narrativa parte desta identificação e quer veementemente mostrar como se realizou a promessa enigmática de Jo 1,51.¹⁹

As ligações escriturísticas do texto podem contribuir para esclarecer os diferentes tipos de questionamentos, inclusive sobre o conteúdo textual. Como é o caso, do lugar ocupado pelos anjos na visão de Bartolomeu em que fornece um argumento maior em favor do longo texto eslavo e do latino na descrição do Descensus, contra o texto curto da versão grega que não menciona a presença dos anjos no Hades. É preciso admitir que os anjos que Bartolomeu/Natanael viu descer e subir ao céu tem por missão escotar Cristo em sua descida aos infernos e acentuar a autoridade divina de Cristo.²⁰

A história das tradições exegéticas pode ajudar a afirmar a época e a forma literária do apócrifo. No caso de Jo 1,51, pode-se perguntar como esta passagem foi tratada em outros textos no período patrístico. A partir do século II, permite-se constatar que o versículo de Jo 1,51, não faz objeto de nenhuma alusão ou citação nos três primeiros séculos, exceto por Orígenes. Este se apoia nitidamente na ideia de que os anjos vivem na proximidade imediata de Cristo. Seria necessário estender o questionamento aos séculos seguintes, para saber se outros textos põem em relação a passagem de Jo 1,51 com a crucifixão, a descida aos infernos e o retorno de Adão ao Paraíso. A explicação narrativa desta passagem que encontramos no texto apócrifo de Bartolomeu indica ser de uma época tardia? Supõe que o modo de interpretar uma passagem obscura do Evangelho na contribuição a uma narrativa apócrifa se compreende melhor antes da plena fixação do cânon, ou seja, antes da segunda metade do século

¹⁹ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 27-28; "A insegurança daí resultante já começa no primeiro versículo, pelo fato de o diálogo entre Jesus e os apóstolos a seguir estar em parte colocado no período anterior a paixão e em parte no período posterior à ressurreição. Assim, o que segue pode ser visto como antecipação visionária ou como retrospectiva. Bartolomeu observa diversos fatos que ocorrem durante a crucifixão de Jesus: anjos descem do céu e adoram o crucificado (1,6), anjos trazem nos braços a figura de Adão em tamanho gigantesco (1,21), e um anjo especialmente enorme com espada de fogo, divide o véu do Templo em duas partes (1,24-27). O fato dos anjos passarem de tal modo ao primeiro plano explica-se a partir de João 1,51: Bartolomeu, ou seja Natanael verá como os anjos subirão e descerão sobre o Filho do Homem" (KLAUCK, H.-J., *Evangelhos apócrifos*, p. 125).

²⁰ KAESTLI, J.-D., *Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?*, p. 28

IV. De qualquer forma, a contribuição de nosso apócrifo na interpretação de Jo 1,51 merece ser pauta de estudo exegético em futuras pesquisas.²¹

O conjunto do texto deverá ser examinado em vista de descobrir suas múltiplas ligações com a Escritura. A narrativa no capítulo I, que menciona o número das almas, é particularmente interessante. Diversos temas da visão de Bartolomeu e das explicações de Jesus tem um ponto de ancoragem nas narrativas evangélicas da paixão. O tema das trevas no momento da crucifixão parece fazer paralelo com Mt 27,45, explica a necessidade de Jesus em desaparecer e descer ao Hades; a abertura dos túmulos e a ressurreição de numerosos santos, fazendo alusão a Mt 27,52; o rasgar do véu do templo (Mt 27,51) que recebe uma interpretação lendária; a promessa de Jesus ao bom ladrão (Lc 23,43) que é, talvez, o plano de fundo do versículo 28 do capítulo IV do texto apócrifo.²²

2.1. Satanás, o príncipe deste mundo

Após a queda, o que teria acontecido com Satanás? O Antigo Testamento nos apresenta Satanás como aquele que atormenta os súditos de Deus. Satanás seria aquele que acumula os infortúnios na cabeça de Jó e as calamidades sobre Israel, sem jamais agir sobre sua própria autoridade. Uma só vez encontramos nos textos bíblicos uma força maléfica que parece não obedecer aos mandamentos de Deus; mas é um demônio “estrangeiro”, Asmodeu, emprestado dos Persas, cujo os exegetas fizeram dele acólito de Satanás.²³

Como, então, deste papel, relativamente modesto, Satanás foi promovido de “*príncipe do mundo*” (ou chefe do mundo) como consta no Evangelho de

²¹ KAESTLI, J.-D., OÙ en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy'?, p. 29.

²² KAESTLI, J.-D., OÙ en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy'?, p. 29; “A primeira pergunta feita por Bartolomeu tem em mira o que realmente aconteceu no mundo inferior, enquanto Jesus estava suspenso na cruz. Bartolomeu ouviu apenas uma voz e um barulho que de lá subia para a superfície. Em continuidade, o próprio Jesus narra – essa é uma diferença fundamental em relação ao EvNik, em que são outros que o fazem – sua descida ao mundo inferior, que ocorreu antes da ressurreição da cruz, descrevendo o espanto e a impotência que se apoderaram de Beliar e do Hades, os dominadores do mundo inferior. Em seguida, Jesus se dirige apressadamente ao paraíso, onde deve receber uma oferta especial: as almas dos justos que morreram naquele dia e que somente ele pode introduzir no paraíso. (1,28-35)” (KLAUCK, H.-J., Evangelhos apócrifos, p. 125).

²³ TURDEANU, É., Apocryphes bogomiles et apocryphes pseudo-bogomiles, p. 22-52.

João: “Agora o chefe deste mundo vai ser expulso” (Jo 12,31); “Já não falarei mais convosco, pois vem o chefe deste mundo” (Jo 14,30); “E quanto ao julgamento, o chefe deste mundo já está condenado” (Jo 16,11) e em 2Cor 4,4: “O deus deste mundo cegou a inteligência destes incrédulos, para que eles não vejam a luz esplendorosa do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus”. Estes epítetos só têm sentido se estiver ligado ao dogma da Redenção. O mal não é necessário nele mesmo e não poderia ter uma existência autônoma. É a condição salvífica que leva a humanidade em aspirar a perfeição. Se João diz que “o mundo inteiro está sob domínio do maligno”, não é certo exaltar o poder do diabo, mas sim, fazer homenagem aquele que, sendo mais forte que o maligno, destruiu seu império tanto na terra quanto no inferno. Esta vitória é uma ligação com o pecado original: Jesus vencedor do diabo, traz para a humanidade a dignidade que ela perdeu em Adão, a vítima do diabo. O reino do maligno é circunscrito entre a queda e a redenção, entre Adão e o Novo Adão (Rm 5,14-21). E o título “príncipe deste mundo” (chefe deste mundo) que o Evangelista dá ao diabo é somente usado neste período, já revelado no momento do testemunho.²⁴

Durante este período, que corresponde ao Antigo Testamento, Satanás, foi o mestre da terra, o Evangelista o diz e Paulo o confirma. Com efeito, é possível constatar também que os apócrifos repetem esta afirmação em forma de mito. Esta ideia apareceu na visão de Isaías presente no apócrifo Ascensão de Isaías,²⁵ que data do século II, enquanto que o mito se torna mais claro no Livro de Adão e Eva. Verifica-se a partir destes testemunhos escriturísticos a expressão de uma doutrina dualista que atribuía a terra a Satanás, enquanto que o Reino de Deus estava ligado aos céus.²⁶

Curioso perceber a referência de Satanás presente no texto apócrifo de Bartolomeu.²⁷ O próprio Belial faz uma confissão a Bartolomeu: “Respondeu

²⁴ TURDEANU, É., *Apocryphes bogomiles et apocryphes pseudo-bogomiles*, p. 48.

²⁵ Livro da Ascensão de Isaías (anjo da iniquidade 2,4; príncipe deste mundo 1,3; 10,29; rei deste mundo 4,2).

²⁶ TURDEANU, É., *Apocryphes bogomiles et apocryphes pseudo-bogomiles*, p. 48-49.

²⁷ “No terceiro capítulo os discípulos pedem permissão para lançar um olhar no abismo, isto é, no mundo inferior. Para isso os anjos enrolam o mundo, como uma folha de papel, mas os apóstolos não podem suportar a visão, e o abismo é novamente coberto. O ponto alto conclusivo é constituído pelo quarto capítulo, extremamente longo, constando de 71 versículos (enquanto o quinto capítulo, com suas três perguntas sobre detalhes acerca das categorias de pecado, deve ser visto claramente como um acréscimo secundário). Pedro e Maria não chegam a um acordo sobre

Belial: de princípio me chamavam de Satanail, que quer dizer mensageiro de Deus. Mas desde que não reconheci a imagem de Deus, meu nome foi mudado para Satanás, que quer dizer, anjo guardião do Tártaro” (4,25). O nome Satanail, o mensageiro de Deus, é atribuído à sua queda e à recusa em adorar a imagem de Deus. Assim também Satanail, o filho mais velho de Deus, recebe este nome por tentar se comparar com o Criador. Tal afirmação parece fazer alusão a Is 14,12-14:

Como despencaste das alturas do céu, tu, estrela da manhã, clarão da madrugada? Estás derrubado por terra, tu que derribavas as nações! Bem que havias planejado: ‘Hei de subir até o céu e meu trono colocar bem acima das estrelas divinas, hei de sentar-me no alto das montanhas, pelas bandas do norte, onde os deuses se reúnem! Vou subir acima das nuvens tornando-me igual ao altíssimo!

No texto apócrifo de Bartolomeu (na versão latina), encontramos a mesma referência quando diz: “De novo disse Michael: Adora-o, antes que o Senhor se aborreça contigo. Eu repliquei: o Senhor não se irritará comigo. Eu vou colocar meu trono contra o dele. Então, Deus enfureceu-se comigo, mandou abrir as comportas do céu e me arrojou a terra” (1,18).

Muito expressiva a presença de Satanás no texto apócrifo de Bartolomeu reforçando toda a autoridade divina conferida à pessoa do Cristo. A forma literária do apócrifo em apresentar a imagem de Satanás, em esquema de pergunta e resposta, mostra não somente toda a força salvífica manifestada pelo Ressuscitado, mas também o esforço empregado por Bartolomeu em se deparar com o inimigo de Deus. A presença de Cristo no Hades, após a paixão, afim de minar o império do diabo, a aparência do diabo acorrentado diante de Bartolomeu e aos Apóstolos, a narrativa da queda do diabo na origem dos tempos, confirma que a perspectiva apresentada no apócrifo de Bartolomeu é soteriológica em que toda a autoridade foi dada ao Filho de Deus para conduzir todos ao Reino de Deus.²⁸

quem deverá formular a próxima pergunta ousada. Bartolomeu novamente ocupa o espaço e pede a Jesus que lhes mostre o adversário. Este aparece e, como era de esperar, espalha temor e pavor (4,12-14)” (KLAUCK, H.-J., *Evangelhos apócrifos*, p. 127).

²⁸ “O Senhor concede a Bartolomeu poder sobre Beliar e, diante da insistência de Bartolomeu, Beliar explica como ele, o primeiro a ser criado entre os anjos de Deus, acabou por tornar o que agora é, pelo fato de ter-se recusado a aceitar a imagem de Deus, o ser humano. Além disso, Beliar dá informações sobre o surgimento e a estrutura do mundo dos anjos, citando muitos nomes (por

2.2. A concepção de Jesus por Maria e um impasse a ser resolvido: a pretensão gnóstica das Questões de Bartolomeu

No segundo capítulo do texto apócrifo de Bartolomeu encontramos a figura de Maria. A Mãe do Senhor estava juntamente com os apóstolos quando estes alimentaram o desejo de perguntar a Maria como ela teria concebido o Salvador. Após a hesitação dos apóstolos, eis que neste momento entra em cena Bartolomeu: “Bartolomeu cercou-se dela e disse: Deus te salve, tabernáculo do Altíssimo, aqui viemos todos os apóstolos a perguntar-te como concebeste ao que é incompreensível, e como carregaste em teu seio aquele que não pôde ser gestado, ou como, enfim, deste à luz tanta grandeza” (2,4).

Maria hesitou em responder ao questionamento dos apóstolos e pôs-se em oração. Na oração, Maria reconhece os feitos grandiosos do Senhor, a autoridade divina manifestada por Deus e roga a presença de Deus para falar aos apóstolos:

Estando eu no Templo de Deus, aonde recebia alimento das mãos de um anjo, apareceu-me certo dia uma figura que apareceu-me angélica. Mas seu semblante era indescritível e não levava nas mãos nem pão, nem cálice, como o anjo que anteriormente tinha vinda a mim. E, eis que de repente, rasgou-se o véu do Templo e sobreveio um grande terremoto. Joguei-me por terra, não podendo suportar o semblante do anjo. Mas, ele estendeu-me sua mão e levantou-me. Olhei para o céu e vi uma nuvem de orvalho que aspergiu-me da cabeça aos pés. Mas, ele enxugou-me com seu manto. E disse-me: “Salve cheia de graça, cálice da eleição”. Então deu um golpe com sua mão direita e apareceu um pão muito grande, que colocou sobre o altar do templo. Comeu em primeiro lugar, depois deu-o a mim também. Deu outro golpe com a ourela esquerda de sua túnica e apareceu um cálice muito grande e cheio de vinho. Bebeu em primeiro lugar e em seguida deu-o a mim também. E meus olhos viram um cálice transbordante e um pão. Então disse-me: “Ao cabo de três anos, eu te dirigirei novamente minha palavra e conceberás um filho pelo qual será salva toda a criação. Tu és o cálice do mundo A paz esteja contigo, minha

exemplo 4,47: Mermeoth, Onomatath, Douth, Melioth, Charaouth, Graphathas, Oethra, Nephonos, Chalkatoura), aludindo cautelosamente que a queda original teria consistido no fato de Eva deixar-se por ele seduzir e a ele se entregar” (KLAUCK, H.-J., Evangelhos apócrifos, p. 128).

amada, e minha paz te acompanhará sempre”. E nisto desapareceu de minha presença, ficando o templo como estava anteriormente.²⁹

A estrutura do texto é simples e repleta de simbologia, fazendo alusão a outros textos bíblicos. A nuvem que envolve Maria recorda a nuvem da Transfiguração e da tenda da revelação no Ex 40,34-35. A neblina presente em Nm 11,9-10 também é muito expressivo, pois associado ao Maná, parece fazer alusão aos dons eucarísticos do pão e do vinho. Foi por Maria que toda a comunidade cristã pode receber no sacramento a carne e o sangue do Senhor, o que de fato, ela teria recebido numa circunstância inteiramente especial. O texto sendo redigido com uma estrutura inteiramente simbólica retrata a ação da graça de Deus manifestada na pessoa da Mãe do Senhor.³⁰

O texto apócrifo Questões de Bartolomeu, mesmo apresentando uma estrutura com uma riqueza de detalhes e dando entonação ao aspecto salvífico da pessoa de Jesus, não esteve isento de interpretações conflituosas. O texto apócrifo foi considerado, por alguns autores, de tendência gnóstica. Segundo o autor J-D Kaestli, este tipo de afirmação deve ser reconsiderado. É baseado na tese equivocada de que a grande massa de escritos apócrifos teria surgido em círculos heréticos e gnósticos que teriam sido posteriormente retrabalhados e redigidos com tendência gnóstica. A definição de gnosticismo ligada a esta tese é hoje totalmente ultrapassada. Além disso, não é suficiente qualificar uma oração ou uma história como sendo gnóstica, contendo uma expressão ou um tema que de fato se encontre em textos gnósticos. Tratando-se de suas relações com o Gnosticismo e Heresia, um novo olhar deve ser levado em nosso apócrifo.³¹

As orações de Maria, os preparativos precedentes para a comunicação do mistério e especialmente o conteúdo da revelação feita por Maria, de tendência gnóstica, é desmentido pela leitura sóbria e pertinente que se pode fazer sobre o episódio. Na verdade, o texto quer sugerir uma explicação do mistério da encarnação. A Eucaristia que Maria recebe no Templo pelas mãos do próprio Deus não é apenas uma preparação para a concepção virginal, mas constitui o meio real pelo qual o Espírito entra nela e produz esta concepção.³²

²⁹ EVANGELHO DE BARTOLOMEU 2,13-19.

³⁰ KLAUCK, H.-J., Evangelhos apócrifos, p. 127.

³¹ KAESTLI, J.-D., Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?', p. 23.

³² KAESTLI, J.-D., Où en est l'étude de l'Évangile de Barthélemy?', p. 23-24.

3. Uma luta espiritual - Bartolomeu e Satanás

Uma das cenas mais enigmáticas do Evangelho apócrifo de Bartolomeu é, sem dúvida, o diálogo que o apóstolo Bartolomeu desenvolve com Satanás. Bartolomeu pede a Jesus para que mostre o adversário dos homens (4,7: “E, tornando o Senhor, disse-lhe Bartolomeu: ‘Senhor, mostra-nos o inimigo dos homens para que vejamos quem é e quais são suas obras, já que nem mesmo de ti se apiedou, fazendo-te pender do patíbulo”) e depois de alguma objeção, Jesus atende o pedido (4,8: “E, Jesus, fixando nele seu olhar, disse-lhe: ‘Teu coração é duro. Não te é dado ver isso que pedes”). Beliar é revelado, sustentado por 6.064 anjos, amarrado com correntes:

E, havendo lançado um olhar enfurecido aos anjos que custodiavam o Tártaro, ordenou a Michael que fizesse soar a trombeta fortemente. Quando este o fez, Belial subiu aprisionado por 6.064 anjos e atado com correntes de fogo. O dragão tinha de altura mil e seiscentos côvados e de largura, quarenta. Seu rosto era como uma centelha e seus olhos tenebrosos. Do seu nariz saía uma fumaça mal-cheirosa, e sua boca era como a fauce de um precipício.³³

Jesus se acerca dos apóstolos e pede a Bartolomeu para pisar no pescoço (cerviz) de Belial e questioná-lo sobre suas ações (4,15: “E disse a Bartolomeu: Pisa com teu próprio pé sua cerviz e pergunta-lhe quais foram suas obras (até agora) e como engana os homens”). Belial declara que seu nome era primeiro Satanail, mas que foi mudado para Satanás (4,25: “Respondeu Belial: A princípio me chamava Satanail, que quer dizer mensageiro de Deus. Mas, desde que não reconheci a imagem de Deus, meu nome foi mudado para Satanás que quer dizer anjo guardião do Tártaro”), e descreve, em seguida, a criação dos anjos. Com uma série de perguntas, Bartolomeu consegue as informações sobre a punição dos ímpios e, antes da partida de Satanás, obtém o relato da história de sua queda.

Mesmo sendo uma narrativa carregada de elementos simbólicos, o Evangelho apócrifo de Bartolomeu traz a temática fundamental da soberania divina presente na pessoa de Jesus. Destaca-se a perspectiva soteriológica e toda autoridade conferida na ação de Cristo ressuscitado que aparece entre os

³³ EVANGELHO DE BARTOLOMEU 4,12-13.

apóstolos. Não obstante, a presença de Belial (Satanás), quando Cristo o faz emergir entre os apóstolos desperta, não somente, a perspectiva soteriológica percebida pela ação do Ressuscitado, mas é conferida, também, uma “luta espiritual” entre o homem e Satanás. A “luta espiritual” é a experiência de uma caminhada que leva a Deus no combate contra os poderes sombrios. É a perspectiva da espiritualidade cristã que leva toda a humanidade contemplar a Deus. Se “Satanás” foi a expressão da rejeição a imagem de Deus no Evangelho apócrifo de Bartolomeu, as práticas espirituais se tornam o meio pelo qual pode-se contemplar a presença de Deus.

Podemos resgatar o princípio da luta espiritual ou combate espiritual, a partir daquilo que os próprios monges desenvolveram como ascese. Os monges não têm pretensão em buscar a origem do mal, mas descrevem o mal como algo que age no presente, inserido, na vida, na realidade, na própria existência.

O Evangelho apócrifo de Bartolomeu nos faz crer que também convivemos com o mal. Com o surgimento de Belial entre os apóstolos, uma luta se inicia, é a força do bem contra o mal, e o vencedor é aquele que se expressa no equilíbrio das paixões. Bartolomeu se torna a imagem da busca pelo equilíbrio de sentimentos ou paixões que tendem dominar o homem. Os sentimentos e paixões não são maus em si, mas podem se tornar maus quando não se convivem adequadamente com eles. Segundo Evágrio Pôntico os demônios agem nas ideias e sentimentos, são os *logismoi*, que promovem ações, a partir dos sentimentos e paixões, que impedem o caminho para Deus.³⁴

Para os monges, o mal deve ser transformado, é a perspectiva realista em que com Cristo podemos reconhecer, combater e vencer os demônios. Não é possível tirar o mal do mundo, mas podemos tirar-lhe a força: da guerra, podemos promover a paz; da violência, podemos promover o perdão; da divisão podemos promover a união. É a busca incessante pelo bem que nos fará agir pela paz, a partir do momento em que aceitamos, com humildade, nossa condição de pecadores.

3.1. Do temor de Bartolomeu, ao Bartolomeu orante

Não se pode negar as reações de Bartolomeu ao dialogar com Cristo e Belial (Satanás). Reações que denotam uma luta interna na busca incessante por

³⁴ No texto de GRÜN, A., Convivendo com o mal, traz referências de Evágrio Pôntico na luta contra os demônios e na forma em como eles agem nas paixões.

estar na presença de Deus: a agitação de Bartolomeu ao cair aos pés de Jesus para que concedesse o desejo em ver o inimigo dos homens (4,9: “Então, Bartolomeu, todo agitado, caiu aos pés de Jesus, dizendo: ... concede-nos nosso desejo”); a voz temerosa de Bartolomeu ao levantar suas súplicas a Deus em ver Belial pela primeira vez: (4,17: “E Bartolomeu temeroso, ergueu a voz e disse: bendito seja desde agora e para sempre o nome de teu Reino imortal”); ao se sentir assustado, o medo dominou Bartolomeu quando o inimigo dos homens estava a sua frente (4,18: “E Bartolomeu fugiu assustado, dizendo: Deixa-me pegar a borda das tuas vestes para que me atreva a aproximar-me dele”; 4,20: “Disse-lhe Bartolomeu: Tenho medo, Senhor, de que, assim como não se compadeceu dos anjos, da mesma maneira me esmague também a mim”); As reações de Bartolomeu representam as formas de agir e de se expressar, a luta interna contra os pensamentos tentadores e a necessidade de um modelo de vida espiritual. Neste sentido, seria oportuno explorar a contribuição de Evágrio Pôntico (345) sobre a importância da ascese e a batalha espiritual contra forças que tendem a afastar-se de Deus.

Evágrio nos apresenta uma compreensão da vida espiritual em que se constitui num progresso (προκοπή) ou subida (ἀνάβασις) para Deus que é, ao mesmo tempo, caracterizado pela ligação entre os pólos *praktike* (ἡ πρακτική) e *gnostiké* (ἡ γνωστικός): isto é, entre a vida ascética (ética ou prática) e a vida contemplativa. Fundamental para o modelo de progresso espiritual de Evágrio é sua convicção de que o cristão *praktikos* (πρακτικός) ou asceta deve amadurecer em um γνωστικός, um conhecedor ou sábio hábil em contemplação e capaz de transmitir conhecimento espiritual.³⁵

Evágrio apresenta um modelo de vida espiritual em que é necessária uma ascese monástica, descrevendo em detalhes a batalha contra os pensamentos tentadores (λογισμοί – *logismoi*) na busca do monge pelas virtudes. Esta luta deve culminar em amor e *apatheia*,³⁶ liberdade do domínio das paixões.

Para o entendimento de Evágrio, ὁ βίος πρακτικός (ascese) está para um aperfeiçoamento moral e purificação dos pensamentos. O processo de purificação espiritual que constitui a ascese envolve uma guerra interna com os

³⁵ ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Praktikos* 36, SC 171.

³⁶ “Para Evágrio, *apatheia* é o objetivo do primeiro estágio, a vida ascética, em que através das virtudes, o monge alcança a serenidade frente às emoções. Ele ainda não é aquele objetivo da vida gnóstica, em que se alcança a gnose, isto é, o conhecimento místico da Trindade” (PINHEIRO, M. R., *A ascese das emoções em Epicteto e em Evágrio Pôntico*, p. 116).

demônios, que Evágrio chama de “poderes opostos” (αἱ ἀντικείμεναι δυνάμεις)³⁷ – resgata-se aqui a imagem de Belial do evangelho apócrifo de Bartolomeu, em que emergindo entre os apóstolos todos caem por terra, exceto Bartolomeu. Ataques demoníacos geralmente tomam a forma de λογισμοί (*logismoi*) pensamentos ou imagens mentais que tentam o monge a pecar.³⁸ Evágrio acreditava que os demônios não podem ler mentes humanas e que, portanto, eles não têm acesso direto aos pensamentos mais íntimos. No entanto, eles são hábeis em interpretar expressões externas que revelam as disposições internas dos seres humanos, e são capazes de colocar a memória em movimento e formar “fantasias estranhas” na alma (νοῦς).³⁹

³⁷ EVAGRIUS PONTICUS, De oratione 12.1.5, 13.3.7, 69, PG 79; ÉVAGRE LE PONTIQUE, Praktikos 47, SC 171.

³⁸ “O termo pensamentos, *logismoi*, é complexo em Evágrio, e tem uma gama bem abrangente de significados: às vezes pode remeter a uma representação mental específica, às vezes a uma forma de se lidar com esta representação, às vezes às próprias emoções decorrentes das representações, e, com certa frequência o termo logismói se refere ao próprio demônio que manipula a representação. Também vale ressaltar que os nomes dados aos pensamentos não necessariamente se referem a um único demônio, mas podem indicar um grupo de demônios que agem em relação àquele fenômeno. De qualquer modo, dentre os 8 pensamentos, temos 3 que compõe o que podemos chamar de linha de frente de batalha dos demônios, cada um deles relacionado com uma parte da alma: a Gula (gastrimargia), ligada à parte concupiscente, a Avariza (phylargyria), ligada à parte irascível e a Vaidade ou Vanglória (kenodoxia), ligada ao intelecto. Tal primado destes três demônios se deve às três tentações de Jesus (Mt 4,3 ff), nas quais o demônio lhe oferece transformar primeiro pedras em pão (gula), depois lhe oferece a posse do mundo (avareza) e por fim a glória (vaidade), caso Jesus se subordinasse ao diabo” (PINHEIRO, M. R., A ascese das emoções em Epicteto e em Evágrio Pôntico, p. 128); “Assim, vemos que o papel fundamental na criação da lista das oito paixões para Evágrio foi, sem dúvida, a descrição da tentação de Jesus nos Evangelhos Sinópticos. É provável que tenha se tornado a primeira inspiração para ele aceitar os três principais desejos demoníacos básicos que atacam um monge: a gula (gastrimargia), a avariza (filarguria) e a vanglória (kenodoxia). O monge de Ponto, como ele próprio admite, extraiu o termo *logismoi*, de Matt 15:19 e também o número de oito espíritos do mal de Matt 12:43-45 e Lucas 11:24-26, onde Jesus explicou que o espírito imundo, que é expulso de um homem, leva consigo outros sete espíritos malignos e o ataca novamente. E seus nomes concretos ele retirou da tradição judaica e cristã anterior e provavelmente de Orígenes” (MISIARCZYK, L., Origen as a source of Evagrian, p. 201).

³⁹ “Em uma primeira aproximação, mais didática e superficial, podemos apresentar o seguinte esquema para entender as tentações e emoções em Evágrio. Os demônios tem acesso às memórias humanas e ao mecanismo de lembrança. Um pensamento ou imagem (representação mental) pode surgir na alma humana pela vontade de um demônio, mas o modo como o homem reage a este pensamento ou imagem é da nossa responsabilidade. Uma emoção é de nossa responsabilidade na medida em que ela é fruto de um assentimento à tentação provocada pelo

Os trabalhos da ascese são recompensados por Deus com o nascimento do amor e na *apatheia*, “desapego” ou “liberdade da compulsão”. A *apatheia* não significa estar livre da tentação, já que Evágrio enfatiza que certas tentações continuarão até a morte. Em vez disso, refere-se à liberdade da tempestade interna de “paixões”, impulsos irracionais que em suas formas extremas seriam hoje chamadas de obsessões, compulsões ou vícios.⁴⁰ De acordo com Evágrio, a *apatheia* estará presente em vários graus em relação às diferentes paixões. Uma vez que a arte de resistir à tentação deve ser praticada até a morte, essa parte da ascese que consiste nessa arte deve ser considerada contínua ao longo da vida. Assim, embora Evágrio frequentemente descreva o “progresso” da ascese para a contemplação (*gnostiké*), ele não quer dizer com isso que a ascese é uma fase ou estágio espiritual que pode ser totalmente transcendido; ao contrário, é um período de treinamento durante o qual habilidades essenciais são aprendidas, habilidades que são necessárias para o crescimento espiritual e que devem ser praticadas continuamente ao longo da vida.⁴¹

pensamento/representação mental incitado pelo demônio” (PINHEIRO, M. R., A ascese das emoções em Epicteto e em Evágrio Pôntico, p. 128).

⁴⁰ ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Praktikos* 36, SC 171; ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Praktikos* prólogo 8, 81, SC 171; “Apenas uma nota sobre o conceito de apátheia em Evágrio. Como pudemos ver, os diversos demônios são pensados como emoções que tomam conta da alma do monge impedindo-o da fruição da proximidade com Deus. Em uma primeira fase da vida espiritual, o monge através de sua ascese, isto é, seus exercícios e treinamentos de combate aos demônios, pode alcançar a impassibilidade, isto é, a ausência de paixões frente aos ataques demoníacos. Estando assim livre das perturbações morais, o monge alcança uma tranquilidade que o possibilita ao nível mais elevado da contemplação e da fruição divinas, o nível da gnose. Por essa perspectiva, toda essa investigação e análise dos demônios e suas táticas são ainda um primeiro momento de preparação para uma vida espiritual superior” (PINHEIRO, M. R., A ascese das emoções em Epicteto e em Evágrio Pôntico, p. 132-133).

⁴¹ ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Praktikos* prólogo 8, 81, SC 171; “Evágrio seguiu o entendimento cristão tradicional de que forças malévolas fora de si, personificadas como demônios, geravam muitos dos pensamentos que nos distraem e nos tentam. Ele também acreditava que as técnicas monásticas como interrogatório do pensamento ou demônio, compartilhar pensamentos com um guia espiritual e usar frases bíblicas para ‘responder’ (antirrhesis), combinadas com disciplinas ascéticas tradicionais, como jejum, manter vigília, cantar salmos, paciência e generosidade para com outras pessoas e, claro, evitar objetos particulares de desejo ou aversão, pode libertar alguém do domínio ou confusão das paixões e restaurar o equilíbrio adequado entre as várias partes da alma. Evágrio chamou essa condição psíquica saudável de *apatheia*, ‘liberdade da paixão’, um termo estoíco reaproveitado. Com a *apatheia* de Evágrio, enfrentamos um problema agudo de terminologia nas muitas maneiras em que os escritores antigos usavam o termo *paixão* (*pathe*, *passio*) e os modernos usam ‘emoção’. Como um autor cristão da antiguidade tardia, a

Evágrio descreve diferentes maneiras pelas quais a alma pode ser enganada. Os vícios da raiva, luxúria, avareza e vanglória são apresentados como consequências de uma vigilância relaxada, de “fantasias vergonhosas” e do fracasso em empregar adequadamente os desejos do homem.⁴² Aqui podemos inserir o modo de agir de Bartolomeu no evangelho apócrifo que denota a importância de uma mudança de atitude perante as forças tentadoras. É a necessidade em sempre estar atento em ações que levem a busca por virtudes a partir da ascese. O progresso espiritual é fundamental para que a temperança seja o ponto de equilíbrio para alcançar a presença de Deus. Evágrio oferece uma rica variedade de remédios espirituais para serem aplicados em tempos de tentação, a maioria deles consistindo de ferramentas comuns da ascese monástica, como jejum, vigília, oração intercessória, salmodia, esmola e atos de compaixão.⁴³

A ascese, portanto, assemelha-se a um guardião do mundo interior de seus próprios pensamentos. O sucesso da ascese depende, portanto, de seu relacionamento com Cristo. É através da oração, *conversação do nous com Deus*, que ele recebe ajuda contra o inimigo e aprende de Cristo através da oração, os meios pelos quais torna-se um contemplativo ou *gnostikos*.⁴⁴

É no Evangelho apócrifo de Bartolomeu que também percebemos outra reação do apóstolo, a oração. Num diálogo e numa conversa entre Jesus e Bartolomeu, eis que Jesus motiva e traz esperança as ações de Bartolomeu (4,21: “Respondeu Jesus: Mas por acaso não se acertaram todas as coisas graças à minha e à inteligência de meu Pai? A Salomão se submeteram os espíritos. Vai tu, pois, em meu nome, e pergunta-lhe o que quiseres”). Deste momento de diálogo e conversa com o Cristo, Bartolomeu faz o sinal da cruz e se põe a orar. Este momento contemplativo por parte do apóstolo confere uma mudança radical de comportamento, mostrando que de ações como medo, pavor e covardia, agora se identifica um impulso que leva a coragem e a iniciativa por uma superação espiritual:

compreensão e as descrições de Evágrio da psicologia humana eram uma mistura de várias vertentes do pensamento filosófico grego e da antropologia cristã” (STEWART, C., *Evagrius and the Eastern Monastic Tradition*, p. 269).

⁴² ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Praktikos* 6, SC 171.

⁴³ ÉVAGRE LE PONTIQUE, *Praktikos* 50, SC 171.

⁴⁴ EVAGRIUS PONTICUS, *De oratione* 3, 4, 8, 55, PG 79.

E ao fazer o sinal da cruz e a orar a Jesus, irrompeu um incêndio e as vestes do apóstolo foram tomadas pelas chamas. Disse-lhe então Jesus de novo: “Pisa-o, como te disse, na cerviz, de maneira que possas perguntar-lhe qual é o seu poder”. Bartolomeu, pois, se foi e pisou-lhe a cerviz, que trazia oculta até as orelhas.⁴⁵

A coragem e a confiança de Bartolomeu são evidenciadas pela forma como enfrenta o inimigo dos homens:

Então disse-lhe Bartolomeu o apóstolo: ‘Anda, dize-me, malfeitor e mentiroso, ladrão deste o berço, cheio de amargura, engano, inveja, e astúcia, velho réptil, trapaceiro, lobo rapace, como te arrumas para induzir os homens a deixar o Deus vivo, criador de todas as coisas, que fez o céu e a terra e tudo o que neles está contido? Pois é sempre inimigo do gênero humano.’⁴⁶

Então o apóstolo admirando a audácia do inimigo e confiando no poder do Salvador, disse a Satanás: “Dize-me, imundíssimo demônio, a causa pela qual foste banido do mais alto do céu. Pois prometeste revelar-me tudo.”⁴⁷

Por fim, após a longa série de questionamentos realizados a Belial, Bartolomeu se põe novamente a orar (1,22 – versão latina: “Então o apóstolo Bartolomeu pôs-se a orar dizendo: ‘Oh Senhor Jesus Cristo’”).

Quando Bartolomeu põe-se a rezar ele transcende a ascese (*praktiké*) para alcançar a contemplação. O reino da contemplação e conhecimento espiritual é chamado por Evágrio de *gnostiké* e se estende para além do domínio da ascese, o mundo interior de pensamentos e tentações, para abraçar toda a criação e até mesmo o próprio criador.⁴⁸

Contemplação é conhecimento espiritual das coisas que foram e irão fazendo com que a alma se ascenda até Deus. A jornada em direção a Deus é, na verdade, um retorno da alma a Deus de quem ele se afastou. Por meio da contemplação, a alma é capaz de ascender em busca do sagrado.⁴⁹ Por isso a

⁴⁵ EVANGELHO DE BARTOLOMEU 4,22.

⁴⁶ EVANGELHO DE BARTOLOMEU 1,15.

⁴⁷ EVANGELHO DE BARTOLOMEU 1,15.

⁴⁸ PINHEIRO, M. R., A ascese das emoções em Epicteto e em Evágrio Pôntico, p. 132.

⁴⁹ GUILLAUMONT, A., Les “Kephalaia Gnostica” d’Evagre le Pontique et l’histoire de l’origénisme chez les Grecs et chez les Syriens, p. 115.

oração proferida a Deus por Bartolomeu mostra a importância da contemplação a partir deste encontro pessoal com o sagrado que é descrito nos diálogos promovidos por Jesus a Bartolomeu. Sem a ajuda de Cristo, Bartolomeu não enfrentaria Satanás o que evidencia toda a autoridade divina conferida a pessoa do Cristo. É na descida de Cristo aos infernos e sua ascensão que reforça a vitória de Cristo sobre os poderes infernais.

À medida que a alma busca por uma experiência de Deus, ela avança em sua compreensão dos propósitos mais profundos de Deus em tudo o que foi e será, aumentará sua capacidade de perceber os sinais da graça de Deus. No cume do modelo da espiritualidade cristã de Evágrio está a Teologia, a contemplação da natureza divina e a união com Deus.⁵⁰ Para descrever a ação de Cristo no seio da humanidade afirma que a ascense e a contemplação é o processo pelo qual alcança-se a participação da humanidade na divindade. É perceptível a alegria de Bartolomeu como resultado de um processo espiritual de contemplação:

Então, Bartolomeu, ao escrever todas essas coisas que ouviu dos lábios de Nosso Senhor Jesus Cristo, mostrou toda a sua alegria no rosto e bendisse o Pai, Filho e Espírito Santo, dizendo: “Glória a Ti, Senhor, redentor dos pecadores, vida dos justos, fé dos crentes, ressurreição dos mortos, luz do mundo, amante da castidade”.⁵¹

Não obstante, um padrão importante para os contemplativos (*gnostikos*) de Evágrio é o trabalho dos anjos. Os anjos exemplificam e simbolizam a contemplação: eles contemplam a face de Deus⁵² (ao contrário de Satanail/Satanás do evangelho apócrifo de Bartolomeu); eles mediam a

⁵⁰ ÉVAGRE LE PONTIQUE, Peri Logismon 18, SC 438: “Nossa natureza de raciocínio, tendo sido condenada à morte pelo vício, é ressuscitada por Cristo através da contemplação de todos os séculos; e seu pai levanta a alma que morreu a morte de Cristo, por meio do conhecimento que ele dá de si mesmo” (Φύσιν μὲν λογικὴν ὑπὸ κακίας θανατωθεῖσαν ἐγείρει Χριστὸς διὰ τῆς θεωρίας πάντων τῶν αἰώνων · ὁ δὲ τούτου πατὴρ τὴν ἀποθανοῦσαν ταυτῆς ψυχὴν τὸν θάνατον τοῦ Χριστοῦ, ἐγείρει διὰ γνώσεως τῆς ἑαυτοῦ).

⁵¹ EVANGELHO DE BARTOLOMEU 1,28.

⁵² EVAGRIUS PONTICUS, De oratione 142, PG 79: “Aquele que anseia por orar saiu do que está aqui, para ter cidadania no céu sempre (Fp 3:20), não apenas por meio de simples palavras, mas por meio da prática angelical e do conhecimento divino” (Προσεύξασθαι ποθεῖ ὁ μεταστὰς τῶν ἐνθένδε καὶ τὸ πολίτευμα, ἔχων ἐν οὐρανοῖς διὰ παντὸς, οὐ λόγῳ ἀπλῶς ψιλά ἀλλὰ πράξει ἀγγελικῇ καὶ γνώσει θειοτέρῃ).

providência de Deus, guiando aqueles que estão abaixo deles de volta a Deus. Citando o termo de Jesus para os filhos da ressurreição em Lc 20,36, Evágrio descreve o monge que realiza a verdadeira oração enquanto anseia pela face do pai celestial como “igual aos anjos” (ισάγγελος). Aquele que busca a sabedoria divina e a contemplação se envolve na “prática angelical” e deve também participar na obra de mediação dos anjos, orando pelos outros, ajudando os outros em sua luta espiritual.⁵³ Este trabalho espiritual é facilitado à medida que aquele que busca a contemplação, aprende a aplicar em suas próprias lutas e nas de outros as ferramentas exegéticas que emprega para interpretar as escrituras. Ele aprende a aplicar em suas relações com os outros as percepções e habilidades que adquire por meio da ascese, especialmente a arte do discernimento.⁵⁴

No texto apócrifo de Bartolomeu, ao perceber o diálogo entre o apóstolo e o inimigo dos homens, temos a reflexão de que não somente a perspectiva soteriológica da ação de Deus se constata ou se faz presente, mas também se verificam o empenho daquele que busca a presença de Deus. As reações de Bartolomeu (medo, pavor/coragem, confiança/oração) deixam evidente, por base ao processo espiritual de Evágrio Pôntico, a necessidade de uma ascese e de uma experiência de Deus na contemplação. Esta reciprocidade entre a manifestação/revelação de Deus com o consentimento e o desejo/vontade do homem em sempre estar na comunhão com o sagrado faz deste evangelho apócrifo ser tão especial. Embora pouco explorado e conhecido, o Evangelho de Bartolomeu traz a reflexão sobre o valor da busca constante da presença de Deus e da luta contra forças que impedem de perceber a ação da graça de Deus.

Conclusão

Ricas são as imagens apresentadas no texto apócrifo que trazem a ideia de uma luta espiritual com aquilo que nos afasta de Deus. De procedência de difícil atestação, sem ser mencionado nos primórdios do cristianismo, encontramos referência do texto apócrifo por parte de Jerônimo. Certos elementos deste

⁵³ EVAGRIUS PONTICUS, De oratione 113, PG 79: “Um monge torna-se igual aos anjos através da verdadeira oração, ansiando por ver a face do Pai que está nos céus (Mat. 18:10)” (Ἰσάγγελος γίνεται μοναχὸς διὰ τῆς ἀληθοῦς προσευχῆς, ἐπιποθῶν ἰδεῖν τὸ πρόσωπον τοῦ Πατρὸς τοῦ ἐν τοῖς οὐρανοῖς).

⁵⁴ ÉVAGRE LE PONTIQUE, Gnostikos 44, SC 356.

evangelho sugerem a datação do texto apócrifo em um período muito posterior à maioria dos outros evangelhos, talvez até o século VI. Outros elementos se encaixam perfeitamente em uma datação já no século II. Uma forma de interpretar isso é considerar os elementos do evangelho como datando de épocas diferentes, seja como resultado da edição ou como acréscimos. Um texto com um estilo de redação a base de pergunta e resposta, ganha versões em grego, latim e eslavo com variações bem claras entre eles. O ponto central do texto apócrifo é a descrição da descida de Jesus aos Infernos, onde ele tem como missão libertar os patriarcas, entre eles Adão, Abraão, Isaque e Jacó. Essa descida teria acontecido após a morte de Jesus na cruz. Os temas da concepção virginal de Maria e o diálogo de Bartolomeu com Satanás completam o texto apócrifo.

O diálogo entre Bartolomeu e Satanás e as reações de Bartolomeu perante o inimigo dos homens é a abertura para uma analogia a uma luta espiritual na busca de vigilância. Quando Jesus mostra Satanás aos discípulos, todos caem por terra, exceto Bartolomeu, a quem Jesus coloca no controle para interagir com Satanás. Como num processo de superação, Bartolomeu questiona o inimigo de Deus fazendo da coragem uma das virtudes em testemunhar a graça de Deus. Analogamente, vemos no método espiritual de Evágrio Pôntico um meio pelo qual podemos lutar contra sentimentos que tendem a distanciar a pessoa da presença de Deus. Se os demônios agem nos sentimentos para que aja um distanciamento do sagrado, a vigilância nada mais é do que a luta necessária por estar na presença de Deus. Bartolomeu se torna a imagem da superação, da luta constante contra o mal e da vigilância daqueles que buscam por uma espiritualidade cristã.

Mesmo tão pouco explorado, o texto apócrifo de Bartolomeu é uma referência, principalmente, para temáticas como a Cristologia e a Soteriologia. Ele reforça temas como a soberania e a autoridade de Cristo, o empenho das comunidades cristãs na busca pela comunhão e a vigilância cristã como a forma de fortalecimento da fé no Cristo Ressuscitado.

Referências bibliográficas

CLEMENT D’ALEXANDRIE. **Les Stromates**. Paris: Ed. du Cerf, 1999. (Sources Chrétiennes, 446).

ÉVAGRE LE PONTIQUE. Gnostikos. In: GUILLAUMONT, A.; GUILLAUMONT, C. (Eds.). **Le Gnostique**. Paris: Cerf, 1988. (Sources Chrétiennes, 356).

ÉVAGRE LE PONTIQUE. *Traité pratique*. In: GUILLAUMONT, A.; GUILLAUMONT, C. (Eds.). **Traité pratique ou Le Moine**. Paris: Cerf, 1988. p. 680-684. t. II. (Sources Chrétiennes, 171).

ÉVAGRE LE PONTIQUE. Peri Logismon. In: GÉHIN, P.; GUILLAUMONT, A.; GUILLAUMONT, C. (Eds.). **Évagre le Pontique: Sur les pensées**. Paris: Cerf, 1988. p. 208-210. t. II. (Sources Chrétiennes, 438).

EVAGRIUS PONTICUS. **De oratione (On Prayer)**. In: MIGNE, J. P. (Ed.). *Patrologiae Cursus Graecae*. Paris: [s.e.], 1857-1866. col. 1166-1198. (*Patrologiae Graecae*, 79).

EVANGELHO DE BARTOLOMEU. In: PROENÇA, E. (Ed.). **Apócrifos da Bíblia e Pseudo-epígrafos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 579-592. v. 1.

GONZAGA, W., **Compêndio do Cânon Bíblico. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos**. Rio de Janeiro: EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GRÜN, A. **Convivendo com o mal**. Petrópolis: Vozes: 2010.

GUILLAUMONT, A. **Les “Kephalaia Gnostica” d’Evagre le Pontique et l’histoire de l’origénisme chez les Grecs et chez les Syriens**. Paris: Editions du Seuil, 1962. (Patristica Sorbonensia, 5).

KAESTLI, J.-D. Où en est l’étude de l’Evangile de Barthélemy? **Revue Biblique**, v. 95, p. 5-33, 1988.

KLAUCK, H.-J. **Evangelhos apócrifos**. São Paulos: Loyola, 2007.

LIVRO DA ASCENÇÃO DE ISAÍAS. In: PROENÇA, E. (Ed.). **Apócrifos da Bíblia e Pseudo-epígrafos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 131-148. v. 1.

MISIARCZYK, L. Origen as a source of Evagrian. **Seminare**, v. 39, n. 4, p. 191-205, 2018.

MORICCA, U. Un nuovo testo dell “Evangelo di Bartolomeo”. **Revue Biblique**, v. 30, n. 4, p. 481-516, out. 1921.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021v2n4p343

PINHEIRO, M. R. A ascese das emoções em Epicteto e em Evágrio Pôntico. **Prometeus**, v. 11, n. 27, p. 113-136, mai./ago. 2018.

STEWART, C. Evagrius and the Eastern Monastic Tradition. **Modern Theology**, v. 27, n. 2, p. 263-275, abr. 2011.

TURDEANU, É. Apocryphes bogomiles et apocryphes pseudo-bogomiles. **Revue de l'histoire des religions**, v. 138, n. 1, p. 22-52, 1950.

WILMART, A.; TISSERANT, E. Fragments grecs et latins de l'Évangile de Barthélemy. **Revue Biblique**, v. 10, n. 2, p. 161-190, abr. 1913.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Taubaté / SP – Brasil

E-mail: dr.pe.roberto@gmail.com

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 24/12/2021